



ESCOLAS NO AR: UMA AÇÃO EDUCOMUNICATIVA PARA A PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Sandra Kelly de Araújo

Universidade Federal de Rondônia

Resumo: Escolas no ar é um programa radiofônico produzido por professores e alunos de escolas públicas de Caicó, RN. É produto da ação coletiva entre escolas que usam o rádio para dar sonoridade as suas reflexões, estudos e opiniões sobre o meio ambiente local. Sua materialidade se dá graças ao estabelecimento de um sistema de comunicação implantado nessas escolas, cuja gestão é objeto de nossa investigação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação do CCSA/UFRN. Este sistema é um ambiente de inter-relação entre comunicação e educação objetivando a produção de programas de rádio para a prática de educação ambiental e constitui um espaço de pesquisa sobre a ação de docentes e discentes enquanto produtores de conhecimento sobre meio ambiente e sobre a inserção do rádio na educação. É portanto, um processo de intervenção social para uma ação crítica da escola frente aos problemas ambientais locais.

Palavras-chave: Educação, Comunicação, Meio Ambiente.

O CONTEXTO

Há algo novo nas ruas, nas lojas, na mídia, nas nossas cabeças. Realidade e simulacro se confundem. O mundo ficou mais rápido, mais sedutor, mais colorido, mais acessível. Informações, pessoas, idéias e mercadorias circulam numa velocidade estonteante. Na mídia, propagandas nos fazem promessas: arrojo, despojamento, poder, simplicidade, austeridade, saúde, felicidade ou sensualidade são alguns ideais associados e disponíveis pela posse ou consumo de mercadorias. É o fim da uniformidade, da unanimidade, da massificação e da estandarização. Inaugura-se a diferença, a unicidade, a segmentação. Contemporaneamente, vivemos o fim e o começo, o novo e o velho. O fim do moderno (o velho) e o começo (o novo) - o pós, o pós-moderno.

Sociedade informacional ou era da informação, sociedade pós-industrial, sociedade tecnológica, sociedade dual, sociedade de consumo ou sociedade pós-moderna são termos usados para denominar esse novo estágio do capitalismo. Seus traços fundamentais são a



efemeridade, o simulacro, a revolução tecnológica, a globalização e, especialmente, a ênfase dada ao consumo e seu significado simbólico.

Marca o fim do modernismo, da produção em série, da cultura de massas, do consumo generalizado e inaugura uma nova fase do capitalismo assentado na abundância, na mistura de signos exigidos nas propagandas, nas lojas, nos supermercados, na eterna primavera reproduzida nos centros comerciais, a nos remeter uma falsa impressão de ausência de limites, tal com nos esclarece BAUDRILLARD (1995).

Trata-se do estabelecimento de uma nova cultura global (a cultura do consumo), implementada através de estratégias mercadológicas capazes de nos convencer, seduzir e conquistar; a nos remeter um novo olhar sobre a mercadoria, uma nova solicitude – seu valor simbólico. Nesta trama, a posse, a propriedade de certas mercadorias passa a expressar diferenciação e prestígio. O valor simbólico que as mercadorias encerra é capaz de posicionar ou situar seus proprietários num plano distinto do espaço social, como formulado por BOURDIEU (1997).

Segundo suas argumentações, a mercadoria, compreendida a partir do valor de troca e de uso intrínseco, reveste-se de uma nova significação – o valor simbólico. Esta confere ao usuário distinção classificação - funciona como signo distintivo ou bem posicional. O uso das mercadorias proporciona ao usuário o estabelecimento de vínculos e ou distinções sociais e sua posição no espaço social.

Para BOURDIEU (1997), a diferenciação não se dá apenas pela posse do capital econômico, mas também pelo capital cultural. Posições sociais são definidas pelo acesso a esses capitais. É na análise das posições sociais relacionadas às disposições e tomadas de posição que se definem as diferenças. São, pois os hábitos, ou as escolhas e as práticas que configuram o espaço de posições sociais.

São novas regras, novos arranjos, novas possibilidades. Se com a indústria de massas, tivemos a transformação do cultural no econômico, agora com a pós-modernidade, temos a transformação do econômico em cultural. Esta inversão não é uma ruptura com o passado, com o capitalismo. É o que Fredric Jameson chamou de a lógica cultural do capitalismo tardio – um estágio do capitalismo mais puro do que qualquer dos momentos que o precederam (JAMESON, 2000:29), com a cultura fortemente orientada para a produção e para o consumo



de mercadorias. Neste estágio, a cultura ganha tamanha expressividade que não podemos entender o mundo atual sem que consideremos sua fusão com a economia.

Renato Ortiz, em a *Mundialização da Cultura*, ao discorrer sobre o processo de padronização cultural e como ele se tornou hegemônico no mundo atual, aponta a mídia e as corporações como artífices mundiais da cultura de consumo.

Elas se configuram em instâncias de socialização de uma determinada cultura, desempenhando as funções pedagógicas que a escola possuía no processo de construção nacional. A memória internacional-popular não pode prescindir de instituições que a administrem. Mídia e empresas são agentes preferenciais na sua construção; elas fornecem aos homens referências culturais para suas identidades. A solidariedade solitária do consumo pode assim integrar o imaginário coletivo mundial, ordenando os indivíduos e os modos de vida de acordo com uma nova pertinência social. (ORTIZ, 2000)

Este é o caráter globalizante que também constitui traço de nossa da contemporaneidade – quando se fala em mundo, está se falando, sobretudo de mercadorias. Mercado de coisas, inclusive a natureza; mercado de idéias, inclusive a ciência e a informação; mercado político. Justamente, a versão política dessa globalização perversa é a democracia do mercado. (SANTOS, 1998)

Caracterizar e analisar este momento impõe a ciência dar conta de novos rearranjos, novas possibilidades e compreender manifestações evidentes e não evidentes dessa nova era – a era do consumo.

Como já vimos, eleva-se o significado do consumo e sua cultura. A profusão de signos e imagens simula uma sensação, um estado de bem estar generalizado. Entretanto, não há consenso na apreensão deste momento. Apoiados em JAMESON (2001) e CASTELLS (2000), podemos apontar dois caminhos interpretativos: de um lado a perspectiva do “fim da história” e, de outro, a indignação acerca do agravamento das desigualdades e da exclusão social.

Numa direção, temos o deslumbramento, a celebração da diferenças pelo contato entre as culturas produzindo um pluralismo global. O consumo é visto como prazer, como sonhos e desejos celebrados. Por outra, Manuel Castells, ao analisar as relações de interdependência de mercados que se estabelecem na sociedade atual, nos remete a uma sociedade em rede, cuja integração produz um processo de diferenciação social traduzido em



violentas desigualdades e exclusão em níveis local e mundial, afetando tanto pessoas como territórios.

Ainda:

O capital é um processo, e não uma coisa. É um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista avançado estão profundamente implicadas. Suas regras internalizadas de operação são concebidas de maneira a garantir que ele seja um modo dinâmico e revolucionário de organização social que transforma incansável e incansavelmente à sociedade em que está inserido. O processo mascara e fetichiza, alcança crescimento mediante a destruição criativa, cria novos desejos e necessidades, explora a capacidade do trabalho e do desejo humanos, transforma espaços e acelera o ritmo de vida (HARVEY, 1992).

Nesta direção, temos outras contribuições daqueles que não reconhecem o pós-modernismo como uma fase posterior ou superior a modernidade: “Falar da pós-modernidade como suplantando a modernidade parece invocar aquilo mesmo que é (agora) declarado impossível: dar coerência à história e situar nosso lugar nela”. (GUIDDES, 1991).

A tecnologia é um dos níveis de expressão da globalização e da pós-modernidade. Os avanços tecnológicos nas áreas de comunicação e informação invadem todos os campos da vida pública e privada e chegam até a escola num processo de inserção plural através das novas tecnologias de comunicação e informação.

São ventos da pós-modernidade: informática, internet, intranet, realidade virtual, dvd, telefone celular, chat, tv a cabo. Informações e imagens saturam nossos sentidos e mais do que nunca construímos nossa visão de mundo e nossa identidade com forte influência das mídias.

Ainda adaptando-se a penúltima revolução tecnológica: a televisão e o vídeo, os professores são surpreendidos por programas de informatização e apoio a suas atividades docentes. E assim, inevitavelmente, as novas tecnologias aportam ao cotidiano de professores e alunos, sem que haja um correspondente movimento teórico e reflexivo das potencialidades e limitações desses recursos. Enquanto essa reflexão não ocorre, parecem ser um fim em si mesmos – não inseridos a processos de trabalho educativo como instrumentos que possam maximizar e objetivar o trabalho docente.

As novas tecnologias inseridas ao sistema educacional têm sido anunciadas como redentoras da educação, pois, mesmo à distância, possibilitam uma ampla acessibilidade e



democratização do conhecimento, superando a ausência ou limitações daqueles que não podem participar de processos presenciais de formação. Entretanto, há aspectos importantes que precisam ser considerados. Inicialmente a concepção de que educação é mera transmissão de conhecimento. Como nos diz Paulo Freire: educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a sede do saber até a sede da ignorância para salvar com este saber, os que habitam nesta.

Tradicionalmente, as escolas têm se conservado como meros receptores de produtos midiáticos, sejam eles planejados com o fim formativo (tv escola ou um salto para o futuro, por exemplo) ou não. Fora da esfera escolar, as imagens invadem o cotidiano das crianças e desencadeiam uma competição desleal com a escola. Alfabetizadas pelas imagens das marcas divulgadas pelas mídias as crianças são seduzidas pelos apelos do consumo. Na escola, a criança se vê diante de dois mundos: De um lado, o mundo que apela para o desejo e para o prazer de olhar, de desfrutar, de consumir, o mundo das imagens eletrônicas. De outro lado, um tanto tímido, o mundo das palavras escritas, do pensamento, da abstração, o mundo representado pelos discursos do professor. O primeiro mundo aparece como o lado da diversão – e faz crer que o segundo mundo é chato (BUCCI, 2002).

Seja como ferramentas pedagógicas ou como objeto de estudo (BELLONI, 2001), a inserção de tecnologias de informação e comunicação na educação deve fundamentar a reflexão crítica sobre seus conteúdos, transformando informação em conhecimento e formando receptores ativos.

Portanto, ao propormos o desenvolvimento de um sistema de mídia-educação para a produção coletiva e articulada de um programa de rádio com conteúdo relativo a educação ambiental é nosso pressuposto fundamental considerar o contexto em que estamos inseridos e a especificidade da ação educativa – trata-se de uma relação entre sujeitos que interagem para construir significados e com eles interpretar o mundo.

Assim, nossa expectativa é que o espaço de convivência diária do aluno seja a fonte para a composição dos temas abordados nos programas e que esses possam expressar a capacidade de interpretação de alunos e professores acerca do contexto em que estão inseridos, agindo criticamente sobre as fontes de pesquisa, transformando informações em conhecimento. Para esse propósito, o rádio é meio o técnico para transmissão que escolhemos



para materializar o projeto “Escolas em Comunicação com o Meio Ambiente”, programa Escolas no Ar.

ESCOLAS NO AR

Escolas no ar é um programa radiofônico produzido por professores e alunos de escolas públicas de Caicó, Seridó Potiguar. É um programa semanal, com 15 minutos de duração, transmitido todas às sextas-feiras, pela Rádio Rural de Caicó AM (ZYJ 595), às 9:15 horas, no programa Rádio Comunidade. É produto da ação coletiva entre escolas que usam o rádio para dar sonoridade as suas reflexões, estudos e opiniões sobre o meio ambiente local. Sua materialidade se dá graças ao estabelecimento de um sistema de comunicação implantado nessas escolas, cuja gestão é objeto de nossa investigação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Este sistema é um ambiente de inter-relação entre comunicação e educação objetivando a produção de programas de rádio para a prática de educação ambiental e constitui um espaço de pesquisa sobre a ação de docentes e discentes enquanto produtores de conhecimento sobre meio ambiente e sobre a inserção do rádio na educação. É portanto, um processo de intervenção social para uma ação crítica da escola frente aos problemas ambientais locais.

A composição do sistema começou a ser estabelecido em duas oficinas de planejamento realizadas em 2001, com a participação de 12 escolas públicas de Caicó, Rio Grande do Norte. Estas oficinas objetivaram coordenar uma ação conjunta das escolas que aderiram ao projeto na identificação de atividades desenvolvidas na temática meio ambiente ou sua disposição em desenvolvê-las. Também foram nossos objetivos as definições do tema articulador das atividades desenvolvidas nas escolas – Conhecer para preservar: o meio ambiente no centro das atenções; o problema que se pretende superar com o desenvolvimento do projeto – Falta de conhecimento, ação e posição sobre a problemática ambiental; o objetivo que se pretende alcançar – Conhecer, se posicionar e agir para transformar a problemática ambiental; e o cronograma de atividades.

O planejamento gerou uma ação conjunta entre as escolas para superar o problema identifica nas oficinas. O grupo acordou que a “Falta de conhecimento, ação e posição sobre



a problemática ambiental” poderia ser superada com a produção de conhecimento capaz de dar subsídio para a tomada de posição com objetivo de transformar a problemática ambiental. A produção de um programa de rádio foi o meio encontrado para materializar o alcance dos objetivos ao externalizar conhecimentos relativos ao meio ambiente – nascia o Escolas no Ar.

O programa Escolas no Ar é, portanto, o produto da ação reflexiva e propositiva de escolas sobre o meio ambiente. Em tese, a articulação da participação individual de cada escola no sistema referenda-se pela atenção aos temas propostos, problemática e objetivos formulados coletivamente. Cada escola converte-se em uma unidade particular de trabalho no sistema e relaciona-se com as outras pela observância às decisões tomadas em grupo por ocasião das oficinas, marcos iniciais de concepção do sistema. Cada programa produzido gera links entre o seu precedente e o posterior – Apesar de ter sentido isoladamente, cada programa produz elos que atendem uma condição anterior e estabelecem ou propõe uma condição de continuidade pelo programa imediatamente posterior.

METODOLOGIA

É uma pesquisa prática e qualitativa, conduzida nos termos da pesquisa-ação e da etnometodologia, para organização de um sistema comunicativo, objetivando a prática de educação ambiental através da produção de programas de rádio sobre o meio ambiente. Tratamos, pois, dos pressupostos teóricos e metodológicos que orientam o funcionamento do sistema e da ação ativa dos docentes e discentes na organização e expressão de suas opiniões sobre o meio ambiente, suas escolhas teóricas e metodológicas e o que pensam sobre isso. Assim, por meio da observação participante e de depoimentos coletados através de entrevistas, foi analisada a produção de 25 programas Escolas no Ar, no período de maio a dezembro de 2002, elaborados por 07 escolas públicas do município de Caicó/RN (Centro Educacional José Augusto, E. E. Rosa de Lima, E. E. Iracema Trindade, E. E. Rotary, E. E. Calpúrnia Caldas de Amorim, E. E. Santo Estevão Diácono e E. M. Auta de Souza). A adoção de metodologias qualitativas nos permitiu dar conta do processo de intervenção, da descrição e análise da ação educacional desencadeada no sistema, desde sua concepção até a produção dos programas Escolas no Ar.



Para materializar os objetivos propostos, concebemos o estabelecimento de um sistema que permita a produção coordenada de programas de rádio sobre educação ambiental. Este sistema tem como ponto de chegada (out) um programa semanal com 15 minutos de duração, veiculado pela Rádio Rural de Caicó AM, que aporta as produções da escola sobre o tema educação ambiental (in). A cada semana um programa é produzido em uma escola e a seguir a produção segue para outra, que complementa e amplia a abordagem anterior.

A formulação inicial do sistema se deu em forma de projeto de tese submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Posteriormente, o projeto ganhou o detalhamento necessário a sua implementação a partir da realização de numa oficina para este fim, com a presença de onze escolas públicas estaduais e uma municipal. Os participantes concordaram com os seguintes pontos: temas abordados, problemática a ser enfrentada, objetivos a ser alcançados e cronograma de trabalho, como já vimos anteriormente.

A ação propositiva e deliberativa do grupo deram novos contornos ao projeto. A identificação dos temas ou problema ambiental que escolha trabalhava ou poderia trabalhar para integrar o sistema já anunciava o difícil processo de negociação que marcaria as etapas seguintes do planejamento. O grupo demonstrava diferentes níveis de abordagem sobre esse item, transitando do lixo na escola ao modelo de desenvolvimento adotado pela sociedade.

Parte do grupo escolheu como ponto de convergência dos temas levantados a educação para a sustentabilidade ou a proteção e a preservação do meio ambiente. Entretanto, na negociação que se seguiu a esta fase, feita através de defesas argumentativas em favor dos temas sugeridos, define-se com tema integrador o conhecimento - Conhecer para preservar: o meio ambiente no centro das atenções.

RESULTADOS

A análise do processo de produção dos programas Escolas no Ar concentrou-se nos seguintes aspectos: 1. A gestão do sistema. 2. Na ação educacional dele desencadeada para a prática de educação ambiental. 3. A inserção do rádio na escola.

Uma constatação inicial é que as escolas membros do sistema não possuíam práticas de produção em mídia - educação. Tradicionalmente, quando nos referimos à inserção das



tecnologias de informação e comunicação à prática escolar tem sido concentrado na recepção de conteúdos midiáticos. Não há antecedentes de processo comunicativos entre a escola e outros atores ou sujeitos que a princípio não tem relação imediata com a escola, com por exemplo o público atingido pelo rádio.

Em sua concepção original, o projeto intencionava constituir um canal de comunicação entre a escola e a comunidade. Entretanto, a ausência de cinco escolas que participaram da concepção original do sistema, nos levou a alguns questionamentos. A escola tem o que comunicar? Ou seja, há uma intencionalidade formal ou informal em estabelecer ligações com o entorno?

Na gênese, o problema a ser superado foi à falta de conhecimento, ação e posição sobre o meio ambiente. Como a escola vem combatendo-o? A transformação de informações em conhecimento é uma tarefa óbvia da escola. É certo que os programas de rádio tornaria público a produção da escola, seus problemas, suas limitações, suas possibilidades, sua leitura de mundo – segredos guardados nos limites na escola.

Já em relação à atuação das 07 escolas que efetivamente participaram da produção dos programas Escolas no Ar, os resultados constataram uma ação articulada e colaborativa entre as escolas para a prática da educação ambiental, seja no alcance dos objetivos, na superação de problemas ou na temática abordada, condições garantidas a partir de um amplo processo de diálogo e participação entre professores e alunos.

A adoção do rádio como meio de expressão da escola sobre o meio ambiente exigiu do grupo produtor o desenvolvimento de habilidades compatíveis com o uso da linguagem e formato radiofônico como recurso pedagógico, tais como: a reorganização ou reapresentação dos conteúdos para constituírem o texto radiofônico, capacidade de sistematização do conhecimento e sua adaptação à linguagem radiofônica.

Na produção de um quadro sobre 30 anos de retrospectiva da política ambiental, podemos notar a presença de conteúdos cognitivos, afetivos e psicomotores expressos na composição do texto e das fontes bibliográficas, na escolha dos sons e na produção de vozes adequadas a cada época.



Técnica	Fundo (((A voz do Brasil)))
Repórter	Boa noite. Estamos em Estocolmo, Suécia, na abertura da I Conferência Mundial para o Meio Ambiente. O presidente Médici enviou o ministro do interior Costa Cavalcanti para representar o Brasil na Conferência. Agora, o Senhor Ministro vai nos explicar qual a posição do Brasil na Conferência.
Ministro	O governo brasileiro quer o fim da pobreza em nosso país e acreditamos que só com os empregos que as indústrias geram é que podemos resolver esse problema social. Então, damos boas vindas à poluição pois o que nos interessa é ver o Brasil crescer.
Técnica	Fundo (((viagem no tempo)))
Repórter	A conferência Rio 92, iniciou-se ontem com muitas manifestações no aterro do flamengo. A maior reivindicação das organizações não-governamentais é garantir que o desenvolvimento econômico seja igual para todos e que os governos não sejam omissos em relação à proteção do meio ambiente.
ONG	Não podemos admitir que as populações locais fiquem ausentes das decisões que mudam nossos destinos. Nós exigimos a participação nas políticas de desenvolvimento e que esse desenvolvimento seja realizado de forma sustentável, que seja bom para todos, no presente e no futuro.
Técnica	Fundo (((viagem no tempo)))
Repórter	(((leitura de texto retirado da internet sobre o Rio + 10)))

Por fim, o privilégio da produção, do diálogo constante em torno da apreensão do objeto tema dos programas de rádio – meio ambiente local – proporcionou ao grupo produtor uma condição superior de aprendizagem àquele formado apenas para a recepção exercida nos momentos de pré-produção (definição da pauta e roteiro) até os de produção final.

CONCLUSÕES

Nossa pesquisa se concentrou na organização de um sistema comunicativo para uma ação articulada e colaborativa entre escolas para a prática de educação ambiental. Este sistema foi construído de modo a garantir a um grupo de professores e alunos a primazia da produção, para que através desse processo pudessemos verificar como esses se apropriam desse meio técnico, que é o rádio, para fazer educação. Neste exercício, pudemos concluir que a produção sintetiza capacidades cognitivas, afetivas e psicomotoras manifestadas pelos alunos em suas decisões, escolhas, argumentos, adaptações, enfim em sua leitura de mundo, expressa nos programas que elaboram. Ao mesmo tempo, nos permite afirmar que a eficiência do sistema



comunicativo não se expressa, simplesmente, pela coerência e articulação entre suas partes para o alcance de um dado objetivo e superação de uma dada problemática. É preciso que se considere os pressupostos teóricos e metodológicos que o move. Condições como o diálogo e a participação garantem a inserção direta de docentes e discentes no processo produção e expressão do conhecimento e constituem requisito fundamental a utilização do rádio como uma forma eficiente de expressão entre a escola e as comunidades locais.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. Etnografia da Prática Escolar. 7ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2002. (Série Prática Pedagógica)
- BAUDRILLARD, Jean. A Sociedade de Consumo. Rio de Janeiro, RJ: Elfos, 1995.
- BELLONI, Maria Luiza. O que é Mídia-Educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; 78)
- BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 1994. (Coleção Ciências da Educação)
- BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas – sobre a teoria da ação. São Paulo, SP: Papirus, 1997.
- BUCCI, Eugênio. Ler imagens e criticar imagens. Nova Escola. Jun/jul de 2002.
- CARLOS, Ana Fani A. A natureza do espaço habitado. In: Território, Globalização e Fragmentação. 3ª Ed. São Paulo, SP: Hucitec/Anpur, 1997. pp 191-7.
- CASTELLS, Manuel. Fim do Milênio. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.3).
- CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação – A linguagem em movimento. São Paulo, SP: Editora SENAC São Paulo, 2000. 253p.
- FERREIRA, Francisco Whitaker. Planejamento Sim e Não. 14ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1997.
- FEATHERSTONE, Mike. Cultura de Consumo e Pós-Modernismo. São Paulo, SP: Studio Novel, 1995.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação. 10ª Ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1992.
- GIDDENS, Anthony. As Conseqüências da Modernidade. 5ª edição. São Paulo, SP: Editora UNESP, 1991.
- JAMESON, Fredric. A Cultura do Dinheiro – Ensaio sobre a globalização. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- MOREIRA, Sônia V. & Bianco, Nélia R. Del Bianco (Org). Desafios do Rádio no Século XXI. São Paulo, SP: INTERCOM; Rio de Janeiro, RJ: UERJ, 2001. 256p.
- SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado. 5ª Ed. São Paulo, SP: Hucitec, 1997.
- THOMPSON, John. B. Ideologia e Cultura Moderna – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 2ª Ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 427p.